

INVESTIGAR A COMUNICAÇÃO VISANDO À CIBERCULTUR@: dos observáveis aos fatos e das estruturas aos processos¹

Jorge Gonzalez

Primeiramente, antes de começar, quero agradecer a meus colegas da INTERCOM², à Professora Baccega, à ESPM³ e a todos os meus amigos e colegas do Brasil, que novamente me honram com este convite; e também agradeço muito aos colegas, ex-alunos da AMIC⁴, no México, por terem me escolhido para abrir o colóquio. Tenho muito prazer em fazê-lo e aceitei-o como um desafio importante por duas razões.

153 —

A primeira, porque, há cerca de 21 anos, no ano de 1988, houve um primeiro encontro da outra série México-Brasil, que fizemos em Embu-Guaçu, perto de São Paulo. Aquela foi a primeira vez em minha vida que vim ao Brasil. Foi algo muito interessante porque havia uma equipe já formada de mexicanos e brasileiros da INTERCOM e do México, tentando fazer um estudo comparativo dos sistemas de comunicação entre esses dois países. E me convidaram daquela vez por uma deformação particular que tenho de toda a vida, algo que realmente me apaixona: sempre gostei da metodologia, da construção do objeto de estudo.

¹ Transcrição da conferência de abertura do II Colóquio Binacional de Ciências da Comunicação (São Paulo, 2009).

² INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação)

³ ESPM (Escola Superior de Propaganda e Marketing)

⁴ AMIC (Associação Mexicana de Investigadores da Comunicação)

Naquela ocasião fizemos esse colóquio, muito interessante e, depois, no ano seguinte, creio, fizemos uma segunda versão na região entre Chapala e Colima, Guadalajara, na zona de Jalisco e Colima. E mais tarde houve algo assim como outra tentativa aqui no Brasil. Passaram-se 20 anos para que voltássemos a nos juntar no Brasil e um pouco menos de tempo para fazê-lo no México.

Naquela época, e com isto introduzo o tema atual, meu desafio era como fazer um estudo comparativo entre os sistemas de comunicação do México e do Brasil, sem ter algo em comum, ou seja, sem critérios metodológicos ou critérios unitários para poder comparar. Porque comparar listas de bibliografia ou listas de estudos pode ser interessante, pode ser feito por quilo ou por grama ou como for, mas o que me traz aqui e me deixa novamente muito contente é o título do colóquio: “Ciências da comunicação”.

O título desta conferência, complicado até para ler, está relacionado com a palavra “ciência”, mas também com a palavra “comunicação”. Tem a ver com a palavra ciência sem vergonha, ciência assertivamente, ciência sem pena. Na época em que eu estudava Comunicação, era comum dizer que nós “falávamos” e os físicos, os químicos “faziam” ciência. E a comunicação faz ciência? Sim, porque dizemos algo sobre algo, falamos coisas. E pensamos durante muito tempo que dizer coisas sobre algo, era ciência e, certamente, os “cientistas” nos viam como pessoas que falam, conversam, se reúnem, publicam... Por isso meu tema vai estar centrado na ciência, nas palavras “ciências da comunicação”.

Antes de começar quero esclarecer que não temos nenhuma razão, do ponto de vista rigorosamente epistemológico,

do ponto de vista científico, para desqualificar a palavra ciência apartada de sua ligação com a comunicação. O problema é ver como e de que se trata. Durante muito tempo existiu, e continua existindo, esta espécie de cânone científico que diz “a ciência se faz assim”, “a ciência é o discurso especializado que o método científico gera”, como se existisse um único método científico. Digo sempre que o que chamamos de método científico é uma forma de cientificidade, mas há mais de uma forma. O método científico é uma delas. Daí a pergunta: o que é a cientificidade?

Vou tentar tratar um pouco destas questões, porque depois, ao longo do Colóquio, trabalharemos em diferentes mesas temáticas focalizando um aspecto determinado sobre um fenômeno, uma situação, um processo. Nessa primeira parte abordarei esta idéia da proposta de entendimento da ciência, dessa palavra “ciência”, mas que nos levará a vários outros pontos. Um deles, também presente no evento, é a relação entre global e local, que é central ou parece ser central para a discussão do tema do Colóquio. E também esta relação às vezes estranha entre técnicas de investigação, métodos de análise, metodologias de trabalho, teorias e a, às vezes ausente, epistemologia.

Mais ao final, farei uma conexão breve, explicitada, sobre o que aconteceu nestes 21 anos. Continuo trabalhando com a categoria teórica e metodológica de frentes culturais que estive utilizando durante muitos anos. Mas o que me surpreendeu é que depois de muitos anos se começa a retomá-la no Brasil, nos Estados Unidos, em outras partes fora do México, como uma categoria pertinente para entender como se constroem os consensos mais próximos da vida cotidiana ou, como veremos, as diferentes escalas de representação. Assim, meu desafio com a conferência será, e o assumo publicamente, realizar um texto que seja mais permeável à discussão que possamos ter.

Comecemos pela parte da ciência. Talvez muitos de vocês tenham tido uma formação parecida, mais afastada da Matemática. Pelo menos no México, aqui não sei como é, a maior parte das pessoas que se dedica a estudar Comunicação ou Sociologia ou Antropologia, é porque na escola primária ou secundária tinha não só ódio, mas aversão, terror à Matemática. As pessoas preferiam estudar qualquer coisa que não tivesse a ver com a Matemática: Comunicação, Marketing, Hotelaria. O desencanto brutal quando fiz a universidade foi saber que tínhamos uma matéria de estatística. Uma estatística de primeiro nível, elementar, descritiva, mas nos assustava.

Essa aversão, como veremos, pode parecer estranha, mas obedece a um desenho geopolítico. Curiosamente, não sei como é no Brasil, mas no México esta aversão, este terror, este distanciamento da Matemática está relacionado ao fato de que nos disseram que a Matemática tem a ver com os números, e com fazer contas e como só temos vinte dedos, não prosseguimos. Diante disso, quero esclarecer que a Matemática não tem nada a ver com o que nos ensinaram, ao contrário, é a linguagem mais poderosa que a humanidade desenvolveu para tornar inteligíveis as estruturas e os processos, isto é, relações de relações de relações.

Esta não é uma conferência sobre Matemática, mas é essa espécie de inabilitação da linguagem matemática que nos levou a escolher carreiras por eliminação, para evadir, porque sempre éramos reprovados, suspensos nessa matéria, pensávamos que nunca mais iríamos ter sucesso na vida e ser famosos, ter uma carreira. O que tem a ver isto com os processos, com as estruturas ou com os observáveis?

E esta conferência se chama “A comunicação visando à cibercultura: dos observáveis aos fatos e das estruturas aos processos.” E a cibercultura, como veremos com mais detalhes, é um objeto de estudo e ao mesmo tempo um valor de desenvolvimento. Não tem a ver, de maneira direta, com o uso da internet ou com as novas tecnologias. Sempre perguntei: por que tão novas? O relógio é novo? Se falarmos das tecnologias de informação e de comunicação, a máquina de escrever é uma tecnologia Olivetti, é uma tecnologia de função de comunicação e eu nunca obtive muito retorno ou resposta clara sobre isso.

Mas é um fato a observar e trabalhar mais detalhadamente, que esta modulação do sistema mundo, esta reorganização mundial, que se costuma chamar “globalização”, o global, potencializou-se por certos processos. Isso gera outra forma de relação com a sociedade, com a história, com a memória, com o futuro que nos afeta.

Voltamos à questão: o que fizemos de trabalho nestes últimos 21 anos? Porque houve muito trabalho, muitas publicações, muitos elementos. Podemos perguntar-nos se sabemos mais, se sabemos melhor algo dos processos de comunicação e, em caso positivo, que parte sabemos melhor. Podemos apresentar-nos em um encontro científico e dizer sabemos “isto” destes processos de comunicação? Penso que sim, podemos. Penso que teríamos que trabalhar muito entre nós para podermos apresentar muito melhor um diálogo mais fundamental, menos especulativo, não só metafórico. Não nego a potência que têm as metáforas para descrever ou para evocar. Uma metáfora evoca algumas coisas muito interessantes que talvez um conceito não consiga. Mas, para trabalhar cientificamente, temos que trabalhar, no mínimo, com clareza.

Não é minha intenção fazer um percurso de filosofia científica. No México há uma profusão muito grande, cada vez maior, de publicações e estudos, incluídos trabalhos de pesquisa sobre comunicação, que têm um excesso, do meu ponto de vista, uma grande concentração nas descrições; há uma enorme quantidade de teses, estudos sobre “descrição da festa”, “descrição do intercâmbio de pessoas”, “descrição dos discursos”, etc. Estou de acordo. Não há possibilidade de fazer ciência sem fazer descrições adequadas. Necessitamos boas técnicas de investigação para gerar descrições específicas, cheias de relações.

Para explicar a diferença entre os tipos de descrição vou usar um termo que no México é comum, que é a palavra “menso”; esta palavra era utilizada para referir-nos ao personagem do programa de televisão “Chaves”. “Menso” no México é alguém que não se dá conta das coisas. Se alguém, como disse Clifford Geertz, está querendo seduzir uma pessoa e pisca e o outro diz: “Você tem um cisco no olho?”. Aquele diz: “Não, não é isso, é outra coisa”. Essa pessoa pisca novamente e o outro entende que é um tique nervoso. Não fazer a diferença entre uma piscada de uma paquera e um tique nervoso é “menso”.

O que quero dizer é que se os conceitos, as descrições que usamos não têm a capacidade de diferenciação daquilo que estamos observando e são conceitos abrangentes, muito amplos e que simplesmente evocam, mas não nos permitem diferenciar, temos alguns problemas, porque então, qualquer coisa pode ser global, pode ser chamada de processo.

Há alguns anos tive uma discussão com Néstor Canclini e outros. Embora tenha se passado muito tempo, tenho-a

muito presente. Era sobre o conceito de “hibridação”. A hibridação é uma forma atual, diferente, de falar a respeito do que os antropólogos há muito tempo chamam de sincretismo. É muito bonita a metáfora da hibridação. Pensemos nas mulas. Uma mula é uma mistura entre um cavalo e um burro ou uma burra, mas é infértil, não se pode reproduzir. Temos que ter cuidado com a hibridação.

O problema não está aí, e Néstor Canclini o reconheceu também: o problema é que o conceito de hibridação é simplesmente uma descrição. É muito parecido com o conceito de “brecha digital”. A brecha digital equivale a descrever qualquer pessoa da seguinte maneira científica: tem dois olhos, um nariz e uma boca. Já sei que não se trata de uma cadeira, mas não sei se é um sapo ou uma rã ou um cavalo. Contentamo-nos muito facilmente com esse nível de descrições muito superficial, que não permite diferenciar. Mas diferenciar o quê? O objeto de estudo. E o que é o objeto de estudo? O que está na moda no momento.

159 —

No nosso grêmio, faço parte de um e por isso posso dizê-lo, nos movimentamos muitas vezes de acordo com as modas intelectuais e nos custa, ao menos no México, muito trabalho dizer diretamente que uma metáfora não serve, é bonita, mas não funciona para esse trabalho científico.

Há muitos outros conceitos que são simplesmente metáforas, evocações muito bonitas, mas que não permitem diferenciar; não permitem fazer algo que é outra operação fundamental do conhecimento: a integração. Conhecemos através da diferenciação e da integração. Se tivermos diferenciações deficientes que se originam de observações deficientes, que

por sua vez vêm de descrições deficientes porque provêm de conceitos deficientes, nossos objetos estarão, como sempre, completamente enredados de doxa, de um sentido comum muito interessante, muito compartilhado, que, além disso, é como um código.

Em Guadalajara, há uma forma coloquial de falar, especialmente no Ocidente do México, em Colima, onde vivi muitos anos. Ali, quando as pessoas estão falando, usam códigos que são como jogos de contexto. Então se digo uma palavra como “verdad”, o que se diz é “edá”. Em Colima, no lugar de se dizer “sí”, se diz “ei”. O que fiz foi construir um axioma, que é o axioma epistemológico “edá, ei”, ou seja, a todo “edá” corresponde um “ei”, “edá, ei”. Trata-se de uma forma de cumplicidade entre os falantes.

160 —

Não estou afirmando que não haja processos de mistura, de recomposição cultural, mas sim que o conceito ou a metáfora da hibridação de Homi Bhabha, de Canclini e outros, que é aceita como certa por muitos, é muito bonita, mas simplesmente não tem nenhum poder teórico; é deficiente teoricamente porque toda cultura, desde que o homem existe, é assim, isto é, não há cultura pura.

Todas as culturas, tudo o que chamamos cultura, é uma mistura porque ocorre por processos de apropriação, de recomposição, e será assim por qualquer lado que olharmos. Ademais é uma teoria ou uma concepção que ignora ou, pelo menos, não dá atenção ao fato de que a cultura não é nada mais que objetos, mas também se faz sujeito, toma corpo. O conceito muito utilizado, às vezes mal, mas muito interessante e potente, de Bourdieu, do “habitus” de classe é exatamente

isso, como a estrutura social converte-se em esquemas de percepção, de avaliação e de ação que não dependem nada mais que dos objetos. Por isso, a maioria ou a totalidade dos objetos científicos ou de estudo que se descrevem com a metáfora da hibridação são objetos externos: canções, artesanatos, objetos.

O problema é que essa forma de entender a hibridação, que depois se junta com a globalização (as novas tecnologias de comunicação e a globalização), desterritorializou a cultura. Já não há mais território. Mais, sim, há. Antes cantávamos o hino, eu cantei o mexicano, não sei o brasileiro, acompanhava o compasso, mas há território, sim. A globalização obviamente não terminou com o território. O processo de “territorialização” ou de “re-territorialização” não nega os fluxos existentes de população, de imagens, de informação, de capital, mas não podemos estar atentos somente a um conceito, eu diria que agora é um “sem-ceito”, focalizados na forma. Há muitos outros exemplos que usamos permanentemente e praticamente sem discussão crítica.

161 —

Qual é a potência heurística, científica que me permite este conceito ou estes conceitos de brecha digital, sociedade da informação, tecnologia de informação e comunicação?

No trabalho empírico que estamos fazendo, mostramos isso cada vez mais contundentemente: toda tecnologia de informação e comunicação é uma tecnologia de conhecimento, simultaneamente. Não pode haver uma tecnologia da informação e comunicação que não seja uma tecnologia de conhecimento. Mas se negamos teoricamente o estatuto de conhecimento a essas tecnologias de informação e comunicação, não importa; ainda que não o reconheçamos, essas tecnologias

de informação e comunicação se transformam em tecnologias de desconhecimento, de des-localização, de desinformação e de “des-territorialização”.

E passo ao ponto seguinte: uma vez feito isso, o que acontece? No âmbito geopolítico, da política mundial, nos tocou viver do lado errado da brecha digital, porque há um lado certo e um lado errado. O lado errado é o lado pobre, porque temos muitos pobres, como se isto fosse natural, como árvores. Aqui há muitas árvores e pobres, como se os pobres não o fossem por um processo histórico de longa duração, com gerações de mortos de fome, de desabilitados de energia, de “desenergizados” sociais.

Assim, neste ponto minha proposta é: o que temos que exigir de uma disciplina que quer ser científica? É uma disciplina que tem que nos dar clareza descritiva em que tipo de observáveis?

Um observável é uma relação que fazemos entre informação, que vem do objeto, e nossas categorias, isto é, não é possível observar de repente, não há modo de observar, a realidade não existe assim; há um efeito de construção, que não é kantiano, de interação entre o objeto e minhas categorias, e o que me permite ver é o efeito de um processo muito importante de construção psicogenética de conhecimentos, de entendimento do mundo.

Como passar dos observáveis aos fatos? Os fatos são relações entre observáveis, isto é, relações de relações. Se um observável é uma relação entre a informação que vem das determinações de um objeto e minhas categorias para nomear

o objeto, esta é uma relação fundamental que haverá que se entender dessa forma. Um fato comunicacional, para mim, tem a ver exatamente com uma forma de tecer e estabelecer relações entre observáveis. A ação de conhecimento se dá fazendo, somente podemos conhecer as coisas com as quais podemos fazer coisas, inclusive aqui. Disse primeiro Heinz Von Foerster e depois Maturana, McLuhan e outros que todo conhecer é fazer e todo fazer é conhecer. Como? Por que é um fazer? E, visto dessa maneira, pareceria que a ciência é única e é uma só coisa, mas não é.

Em outro dos felizes encontros que tive ultimamente com um grupo de brasileiros e outras pessoas do mundo inteiro, chicanos e latino-americanos emigrados aos Estados Unidos e outras partes na Europa, tratou-se sobre o que eles chamam (e que eu desconhecia que se chamava assim), os estudos pós-coloniais (Boaventura de Souza Santos, Arturo Escobar e outros). Digo que o que entendemos por ciência nos foi imposto sempre e de uma maneira muito particular, especialmente porque nossos países, refiro-me particularmente ao México e também ao Brasil, mas cada vez menos e fico feliz por isso, fomos desenhados para ser objetos de estudo. Levi-Strauss aqui ou Malinovski no México, muitas fotos de índios e assim funcionou.

Nossos países, meu país, México, foi desabilitado para a geração de conhecimento. Havia países que, há pouco tempo, cerca de 20 anos, podiam, mais ou menos, reposicionar-se na chamada sociedade do conhecimento, outro “sem-ceito”. E que sociedade não é de conhecimento? Entendo que é uma ênfase metafórica já que hoje em dia, e vou fazer uma metáfora muito arriscada, a posse da terra, como antes, já não é tão importante: o importante é o conhecimento para fazer nanotecnologia agrícola e não a posse da terra.

É o conhecimento que tem que nos desafiar, mas a distribuição dos suportes materiais e os esquemas cognitivos para gerar ciência estão muito desigualmente repartidos no mundo. Eu sei o que vemos em minha universidade, a UNAM, a Nacional do México. Segundo dizem os reitores, mais de 50% do conhecimento que se gera no México sai da UNAM. Minha universidade esteve um ano fechada, em greve, e eu nunca vi, apesar de estar em Barcelona nesse tempo, as massas mexicanas marchando para que a abrissem porque ali se gera nosso conhecimento. Entrou, sim, a polícia.

Isso acontece porque estamos acostumados a sermos objetos de estudo, a desabilitar-nos como geradores de conhecimento. E por aí começa, como disse antes, a história da Matemática. Desde pequeninos, quanto menos aprendermos melhor, e repito, não é que não sejamos matemáticos, mas o que a Matemática propõe não são números nem equações. Uma equação estabelece uma relação e é a linguagem mais poderosa da história da humanidade para pensar os processos, além da arte, que é outra linguagem, é metalinguagem.

E passo ao seguinte ponto. Como passamos da observação e descrição dos fatos, dos objetos, das características, das propriedades particulares de um objeto? Posso descrever com atenção as particularidades dos objetos, é um observável. Os fatos estabelecem relações entre esses e me permitem andar um pouco mais no que chamo a especificidade. No entanto, as características que observamos são assim e se devem ao efeito de um sistema de relações, de uma estrutura. Essa estrutura, por definição, não é visível.

Os seres humanos não podemos ver relações, vemos objetos e inferimos relações. Este processo é fundamental

tanto na psicogênese quando os pequenos seres humanos começam a conhecer. Há 50, 60 anos que Piaget e seu grupo em Genebra estudam como se gera o conhecimento, os processos psicogenéticos de maneira empírica, contrastada, praticamente experimental.

A forma como opera o processo nos seres humanos para construir o conhecimento nos mostra que não há outra maneira, não podemos ver as relações, somente inferi-las. Este sistema de relações é uma estrutura que me permite explicar porque a água é água e não é outra coisa e porque o papel tem essas características e não outras. Estou falando de dois objetos físico-químicos, mas posso também entender porque uma espécie é de uma forma e não de outra. Quando construo uma estrutura somente posso fazê-lo a partir de uma teoria. E a questão é que as teorias que temos costumam ser altamente descritivas, pouco explicativas, porque o trabalho de construção, que é minha paixão e que compartilho com alguns, é a paixão pela construção metodológica.

E como se constrói isso para que uma explicação funcione? Uma explicação em ciência, em qualquer ciência, ocorre quando construo um sistema de relações que me ajuda a entender, me explica ou me ajuda a compreender porque isso é assim e não de outra maneira, porque descrever estas características, estas propriedades, estas condutas e não outras. Mas ainda aí não começa a ciência.

A história da ciência, pelo menos a que conhecemos como a ciência ocidental, a que nos impuseram, é uma história que depende da geopolítica, ainda que não só dela. Por isso se diz que a ciência é européia. E não tenho nada contra os

européus, pelo contrário. A história da ciência, apesar de que não se possa independizar, dá-se basicamente pela primeira vez na história européia ocidental, na Inglaterra. O jovem Isaac Newton gera, constrói uma explicação de um processo não como as nossas, ex post facto, a posteriori, não a descrição, mas a explicação, a explicitação dos processos.

Quando geramos uma estrutura para identificar ou para explicar, compreender as características diferenciadas com meus conceitos, procurar saber por que é assim nos leva à compreensão do processo como as trajetórias de transformação das estruturas.

Quando estudei o primeiro ano do curso de comunicação, vinha dos estudos de Engenharia, mas fui estudar Comunicação e li três livros no primeiro semestre. Li um livro, primeiro, que tem a ver com os brasileiros e se chama, Educação como prática da liberdade, de Paulo Freire. Depois, no mesmo semestre, li Cibernética ou controle e comunicação no animal e na máquina, de Norbert Wiener e o terceiro livro que li foi A formação do símbolo na criança, de Jean Piaget. Não entendi nada, especialmente deste último. Piaget falava e todos os professores no curso falavam da “estrutura”; chegou-nos o tsunami do estruturalismo francês, e nos afogamos nele. E eu pensava que meu problema estava em que a estrutura era algo pesado para levantar. Li Piaget nesse ano, quando tinha 18 ou 19 anos: “uma estrutura é um sistema de transformações”. Não entendi nada e hoje entendo muito pouquinho.

Entender os processos implica gerar informação sobre os mesmos. Os processos são processos no tempo, que não se podem separar do que observamos como detalhe. Mas não existe uma explicação que se possa dar em última instância.

Para poder compreender e explicar as características específicas, a assertiva é mais forte. O que faz com que uma coisa seja o que é, só se pode dar - aí vem o nome “cientificamente” - quando somos capazes de explicar isto a partir dos processos que entendemos, de que modo se foram transformando as estruturas que explicam, ou que me levam a compreender, por exemplo, por que a água tira a sede e porque a água oxigenada além de não tirar a sede pode nos tirar a vida.

Assim, temos processos, estruturas, características, elementos, estruturas, processos... Começamos a tecer relações para entender o comportamento comunicacional de camponeses em uma festa em determinado lugar. Posso descrever, fazer vídeos, ter 4.000 folhas, fotografias, mas enquanto não construir a estrutura que me permite entender porque é de um modo e não de outro, vou continuar acumulando dados e mais dados, sem configuração. Um dado sem configuração é ruído, não faz mais que acrescentar coisas. Quando configuramos um dado, tecemos relações entre eles, começamos a ter um entendimento melhor que somente pela descrição.

Insisto em que há um excesso de descritivismo, há uma espécie de paixão pela descrição, sobretudo quando se trata de algo que não está relacionado a nós. Recentemente comecei a estudar a produção de ex-votos, a partir da categoria de frentes culturais. Nunca em minha vida pessoal, como cidadão de classe média da cidade do México, eu levei um ex-voto a um santuário. Não fazia parte da cultura da minha família, mas um dia eu vi uns ex-votos e era algo tão distante da minha experiência que eu tive que estudar aquilo.

Visto deste modo, a especificidade do que diz um ex-voto, seu discurso explicitado poderia ou deveria ser entendido

do ponto de vista de um processo de transformações das devoções populares, etc. E foi preciso ver em Weber, em Durkheim para entender de que se tratava. Há muitas práticas que não realizamos, que não são nossas, que, quanto mais aparentemente fora de nossa experiência cotidiana, torna-se mais fácil estudá-las.

Isso foi o que aconteceu no México, com os antropólogos urbanos. Um antropólogo urbano há 25, 30 anos, no México, estudava camponeses, pobres, índios. Foi e tem sido muito trabalhoso que os antropólogos voltem seus olhos para si mesmos: é muito mais difícil estudar a si mesmo e à sua cultura, é mais fácil estudar os outros.

O construtor do primeiro conceito aparentemente não normativo, o conceito operativo de cultura, Edward Tylor, intitula seu livro de Culturas primitivas. Numa lógica do evolucionismo, é primitivo porque vai evoluir, e o mesmo remédio nos dão os estudos do desenvolvimento e do progresso. Continuamos pensando que somos um país em desenvolvimento. Isto não existe. Isto é uma invenção do Banco Interamericano de Desenvolvimento, do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional. E nós acreditamos e nossos governos dóceis acreditaram nisso.

Mas, quem decide o financiamento para investigação em um país? Os fundos. Quantos fundos vão existir, em um país como o México? Quantos fundos, quanto dinheiro do orçamento nacional será dedicado à construção do conhecimento?

A decisão aparentemente está em um grupo de pares. Não é verdade, a decisão vem de fora. O problema não é denunciar ou talvez voltar à ideologia da denúncia, não, mas temos que afirmar-nos e entendermos que podemos fazer um

excelente trabalho científico e necessitamos fazer mais e melhor ciência brasileira, mexicana, etc. Sei que muitas pessoas em meu país me enforcariam por isso. Diriam que “a Ciência é única como Deus, vem de cima”.

Penso que deste modo podemos conversar, porque a especificidade de nossos processos sempre sai deficiente quando aplicamos a nós mesmos conceitos de outras partes. É o que Oliver Sacks denuncia quando fala da Neurologia. Os conceitos que a Neurologia utiliza para nomear as doenças são todos negativos: afasia, apraxia, ataraxia, dislexia. E, diz Sacks, não entendemos tudo o que as pessoas que estão incapacitadas, que são deficientes realizam, fazem, produzem. Diria Michel Certeau, não entendemos os modos de fazer destas pessoas para poder dar sentido a suas vidas, no seu contexto.

Assim, no âmbito da Comunicação, continuamos dependendo, e me dá muita pena, de muitas modas. Temos milhares de estudantes de Comunicação no México, e acredito que aqui há mais. Somente em Puebla, em um Estado, há sessenta cursos de Comunicação, segundo me disseram. Por que as pessoas estudam Comunicação? Porque querem ler notícias ou porque não querem matemática. E podemos ensiná-la como ciência?

Além disso, nossas matérias de investigação de comunicação, metodologia de investigação, metodologia 1, metodologia 2 são entediantes. Não passam pela minha experiência, é uma coisa horrorosa, tão rígida, 1.1, 1.2, 2.1. Dizem, “Não, eu sou artista, eu evoco”. A metáfora é muito boa, mas e na hora de fazer as contas?

Já não me refiro ao fato de que os cientistas internacionais nos reconheçam, porque agora os temos em nosso país.

No México, teremos agora em julho, a trigésima ou algo assim, reunião da International Association for Mass Communication Research ou a Association Internationale des Études sur l'Information et la Communication. E o que vamos fazer neste e em outros congressos?

Passa-se conosco o que descrevia Raúl Navarro Fuentes e outros, somos uma comunidade despercebida, somos o parente pobre do parente pobre das Ciências Sociais. E estas, por sua vez, são os parentes pobres das ciências porque as pessoas que decidem os orçamentos, as grandes somas ou as pequenas, são físicos, engenheiros, historiadores, e não pessoas da Comunicação.

Neste sentido, o Brasil está mais adiantado, pois pouco a pouco vocês foram intervindo nesses espaços, onde devem estar, ainda que sejam lugares feios, para decidir quem vai estudar Comunicação, onde estão as bolsas e a formação de cientistas.

Que jovem com um pouco de inteligência vai querer cursar Comunicação, fazer investigação? Preferem ter carro e trabalhar. E os investigadores são muito chatos, estamos o tempo todo fazendo coisas muito estranhas. E o que as pessoas querem é viver. Como vamos negar isso? Está certo, nos venderam a investigação como feia, séria e sonolenta, além de áspera. “Aqui nada de metáfora”, todas as metáforas são bem-vindas, mas também trabalho científico que permita fazer digna essa parte.

O que é científico então? Não tem mais nada a ver com o tipo de ciência que fazemos, mas como a fazemos. Como

podemos qualificar nos fóruns internacionais? No México, pedem aos investigadores mexicanos que publiquem em revistas internacionais reconhecidas. No entanto, para ser publicado em revistas internacionais, é necessário ter um status que, por definição, não temos. Então se torna um ciclo, os poucos que conseguem publicar em revistas internacionais reconhecidas (e estamos falando dos Estados Unidos, Paris, Londres), fazem uma carreira de publicar, publicar e publicar. Agora inventamos um novo termo no seminário de epistemologia: “paperismo”. No lugar de estar fazendo ciência, estamos fazendo “papers” para publicar, e isso é bom, mas e a ciência? Porque também o avaliam pela quantidade de papers que você faz.

Comemoro e fico feliz de estar neste colóquio, que espero possa ser muito frutífero nas mesas de trabalho, que realmente possamos fazer o que não fizemos em muitos anos, que são estudos comparativos, o que significa estudar mais a fundo, com detalhes, os processos que o mundo está vivendo e que afetam de maneiras diferentes tanto o Brasil como o México e todos os muitos países que estão entre estes dois.

171 —

Comemoro estar neste lugar – Memorial da América Latina –, dedicado à América Latina, porque precisamos entrar num acordo, trabalhar com maior rigor, com maior clareza, para poder diferenciar melhor os processos e integrá-los em concepções que nos permitam fazer isso. Esta foi uma visão importante da Intercom que, desde que nasceu se autodenominou interdisciplinar, porque se deu conta de que obviamente se requerem várias disciplinas para abarcar o complexo empírico que temos à frente. Isso se refere não só a Comunicação, mas ao tamanho dos objetos que temos à frente. Já não basta que haja uma só disciplina, requeremos mais disciplinas e temos que ser mais disciplinados e estar de acordo na construção de um marco epistêmico comum.

Em outras palavras, é necessário que possamos conversar e, conversando, gerarmos perguntas comuns que não são de uma disciplina somente. O que deve saber um biólogo ou um ecólogo sobre a área de Comunicação para poder fazer perguntas a um comunicólogo, que este nunca se tinha proposto antes, mas que tem que responder como comunicólogo?

Nos dias 22, 23 e 24 deste mês de abril, faremos nosso quarto colóquio internacional de cibercultura e comunidades emergentes de conhecimento local. Na realidade, o colóquio está pensado para termos 20 pessoas ao vivo e ser transmitido pela Internet, para poder discutir sobre este tema e ampliar o grau de discussão. E o que vamos trabalhar nesse colóquio vai ser muito importante, porque teremos diante de nós historiadores.

Atualmente estamos fazendo um projeto de investigação e desenvolvimento de cibercultura, no deserto, no norte do México, na zona do altiplano de San Luís Potosí. Para nós, entender a cibercultura, para desenvolvê-la, implica facilitar um processo para grupos sociais que não estão habilitados oficialmente para desenvolver seus próprios sistemas de informação, comunicação e de conhecimento frente a um problema concreto, não abstrato.

Há muitas pessoas que não têm educação formal, trabalhadores do campo, donas de casa que, frente a um problema concreto (o lixo, a imigração, a violência na rua), reúnem-se e trabalham para desenvolver seus próprios sistemas de informação, comunicação e conhecimento. A idéia é reunir no colóquio historiadores do lugar, pessoas que dedicaram toda sua vida a estudar as pequenas cidades do deserto e fazer-lhes perguntas de história que não se tenham perguntado e que saibam nos responder como historiadores.

E aqui faço a última relação. Outro dos males que padecemos é com a linguagem; tudo se desfez no ar, tudo é etéreo, já não existem disciplinas, a ciência antiga não é ciência, agora a ciência é fluida, todos somos fluidos. E agora é preciso ser interdisciplinar, é preciso ser transdisciplinar. E isso soa muito bonito, mas como se faz isso? Talvez seja uma posição mais conservadora, mas penso que temos que fazer melhores estudos interdisciplinares ou transdisciplinares fazendo boa disciplina. Precisamos fazer boa disciplina para poder fazer essas coisas. Como disse antes, construir um marco epistêmico comum, um marco de perguntas comuns, um marco conceitual comum, conceitos que temos que repensar e re-tecer no debate; e um marco metodológico comum, estratégias de construção do objeto que nos permitam elaborar isto.

Finalizando, fico feliz que haja de novo este colóquio. Vou participar o mais intensamente possível nas mesas e esperamos que ele nos dê o ânimo e a vontade para apresentar iniciativas de construção de objetos comuns. Muito obrigado.

Perguntas da platéia

1. Lucilene Cury: *Qual é o trabalho empírico que estão realizando? O senhor poderia falar um pouco sobre ele?*

Completa a pergunta 2. Márcia Rosseto: *Falar um pouco das frentes culturais.*

Resposta: O trabalho empírico atual que estamos fazendo está voltado para os efeitos de um melhor desenvolvimento da

cibercultura, como disse antes, no altiplano Potosí, numa extensão muito grande, na parte do deserto do Chihuahua, que vai de Potosí a Zacatecas.

É um estudo de como foram se transformando os sistemas de informação, especialmente os esquemas de classificação, que estão mais adiante, das pessoas que povoam o altiplano, uma zona parecida com o sertão daqui, segundo me disseram; é uma zona muito árida, com uma cultura muito particular. E como foram mudando! Estamos fazendo primeiro uma periodização histórica, porque uma das zonas que estudamos é um lugar que tem uma mina de ouro e prata, Charcas, em São Luís Potosí.

Essa mina aparece em um arquivo histórico que data de 1567, porque Charcas foi uma “alcaldía mayor”, que é o nome que os espanhóis davam aos municípios mais importantes. E o que estamos fazendo ali, porque é uma mina muito importante, é estudar através dos documentos conservados no arquivo (que estão em perfeito estado devido à temperatura e ao clima, muito seco) como inferir, como construir e que tipo de esquemas de classificação foram impostos nesse lugar. E estamos fazendo uma pesquisa bibliográfica muito forte porque, na verdade, o que situa o trabalho empírico é, estamos tentando demonstrar isso, a interação, a conceitualização adequada entre a informação, a comunicação e o conhecimento, as três integradas.

Perguntar assim à História, aos documentos, é fundamental para entender como foram construídas e como foram mudando as sociedades deste tipo. Isto é, estes três elementos não foram estudados dessa forma. Estamos interrogando

os documentos históricos, os livros de antropologia contemporânea e o material já realizado a partir desta leitura, porque estamos tratando de investigar também como se dão neste lugar essas três coisas. E por que essas três? Porque o que nos interessa é não só compreender, mas facilitar um processo de mudança, de auto-apoderamento dessas comunidades que viveram seus esquemas de classificação e que se transmitiram de geração em geração.

Então nosso laboratório é complexo; o que fazemos é tratar de entender como se constrói o mundo social, a ecologia simbólica, como categoria de uma zona ou de um país, a partir desse seguimento, desta tríade. Assim, o trabalho empírico é de momento em documentos e em arquivos históricos.

E há uma segunda fase, que também começa a partir de maio e junho, de história oral, de trajetórias de várias gerações, a partir de entrevistas com a mesma pergunta, para entender como se foram gerando e transmitindo este tipo de esquemas de classificação: o que é bom, mau, alto, baixo, o que é ser homem, mulher, etc. É possível estudar esse tipo de esquemas básicos a partir de pessoas vivas, de testemunhos orais, e nos que viveram antes através dos documentos históricos com toda a crítica de fontes. Isso é uma coisa.

E esta é a continuação direta da conceitualização de frentes culturais. Frentes culturais é uma categoria para explicar, compreender, entender como se construiu a hegemonia, este processo de direção intelectual e moral de uma sociedade, diria Gramsci; como se construiu e como é que agora compartilhamos o que compartilhamos. Com o laboratório, o que estamos fazendo é ver como podemos facilitar um processo de contrastação de frentes culturais. Durante anos, dedicamo-nos

a contemplar muito, agora vamos ver como fazemos para mudar e a idéia da mudança vai por este lado.

3. Cristina Segá: *Entre quais campos a comunicação mexicana está fazendo trans-interdisciplinaridade*

Completa-se com pergunta 4. Edwin: O conceito de hibridismo está sendo revisto por Canclini a partir da interculturalidade?

Resposta: Entre quais campos? Penso que o mais próximo agora, em minha experiência, estamos trabalhando com historiadores, com antropólogos, com sociólogos, com geógrafos, especialmente este grupo, para entender esta parte. Na verdade, não é somente um estudo de comunicação clássico. Estamos afirmando uma obviedade que a comunicação, junto com a informação e junto com o conhecimento, é como uma molécula fractal de construção do vínculo social em toda a história da humanidade. Este protagonismo, por assim dizer, da informação, da comunicação e da configuração que gera estes três elementos, permite entender coisas que não vimos da transformação dos processos simbólicos no mundo contemporâneo concreto diretamente.

Há outra parte de nós, eu mesmo, estamos começando a fazer trabalho de campo em outro estudo com neurofisiologistas da UNAM, os quais estão trabalhando sobre memória, mas não a memória da lembrança, mas como se aloja a memória na cabeça, no sistema nervoso. Porque também queremos entender como se produz a ciência. Depois soube que outros pesquisadores já o tinham feito; investigar, como produzem conhecimento os que dizem que possuem conhecimento, ou seja, os cientistas de verdade (fisiologistas, físicos...). Acaba-se de formar na UNAM, faz bem pouco tempo, um centro

de ciências da complexidade que tem matemáticos, físicos, biólogos e aí participamos um pouco com este grupo, estamos abrindo um pouquinho de espaço por ali, mas o trabalho de campo é esse.

Sobre a outra pergunta: Néstor García Canclini começou a mudar, a modificar sua posição com respeito ao conceito de hibridação, ao processo de hibridação ou de culturas híbridas, como se chama o texto. É um texto muito bem feito, muito bem difundido com uma grande leitura em muitas partes do mundo. Na América Latina é especialmente importante. Sim, Néstor foi se movendo cada vez mais para a noção de interculturalidade, que é outra maneira um pouco menos vocativa, de nomear um processo e não se deteve por aí. Néstor foi mudando e afinando. E o que interessa a Néstor García Canclini, particularmente, é entender esses processos e ele é muito ligado ao mundo da arte. É um esteta, adora e vive com a arte.

177 —

5. Ana Monteiro: *Quanto ao processo comunicativo entre sujeitos envolvidos pelas práticas profissionais dentro de uma organização: como medir ou explicar cientificamente? Sob que perspectiva abordar?*

Completa-se com a pergunta 6. Cicília Peruzzo: *Como avalia a pesquisa em comunicação do ponto de vista metodológico? Há solidez metodológica? Quais seriam os avanços e as fragilidades?*

Resposta: Quanto à primeira pergunta: nós, no momento, não estamos concentrados em estudos de organizações assim nomeadas. No entanto, a forma como fomos chegando, mudando em direção a uma re-conceitualização do conceito mesmo de comunicação – estamos utilizando um conceito que vem da biologia e da cibernética, já que a entendemos como

o processo de coordenação de ações. Não nos centramos em intercâmbio de mensagens. Certamente, para coordenar ações, é necessária esta espécie de intercâmbio de mensagens e simbologia.

A forma social em que nos organizamos para conhecer está inscrita no produto mesmo do conhecimento, a forma social em que nos organizamos para conversar também está inscrita no produto mesmo, do que podemos observar da interação. Então, esse é o conceito que nos está permitindo intervir ao desenvolver cibercultura, que tem a ver com kibernetes, o timoneiro, com cultura, de cultivo, e com uma arroba, que quer dizer com geração de inteligência em processos de inteligência distribuída. Estamos muito perto de toda a teorização da psicologia cultural de Vygotsky, Michael Cole, Paulo del Ríó e outros neo-vygotskianos, Hotchins, para trabalhar processos de inteligência distribuída, mas mais que trabalhar tratamos de facilitar esse processo. Nosso conceito de comunicação inclui o nível biológico.

178 —

No mundo social, no mundo da vida social, a maneira que nos organizamos para conhecer é inseparável do próprio produto do conhecimento. Desenvolvemos a cultura de comunicação, quando somos capazes não de falar melhor – Oi, tudo bem? – mas de desmontar estes frames, diria Goffman, estes marcos que nos induzem e nos pautam muito rigidamente, sobre o que pode e o que não pode ser dito em tal situação. Obviamente a Análise do Discurso e outras ferramentas o viram muito bem, mas não chegamos aí porque o intercâmbio de mensagens é um elemento que posso descrever, mas porque temos que conhecer a estrutura que o gera; sem isso, não posso entendê-lo a fundo. Essa é a primeira resposta.

E a respeito da outra pergunta: Como validar a investigação de comunicação? Quais os pontos fortes?

A investigação de comunicação, no México, detectou um campo enorme de fenômenos dos quais produziu algumas descrições e estudos em detalhe, com boa qualidade. Uma de suas fragilidades é a carência de uma adequada teorização. Por exemplo, há um grupo e aqui estão presentes alguns deles, coordenado por Jesús Galindo com Marta Rizzo, um grupo pequeno de pessoas no México que se pôs a trabalhar seriamente sobre quais são as fontes, de onde surge aquilo que a Comunicação está mostrando. Considero um esforço interessantíssimo de recuperação, sobretudo para a formação dos novos estudantes. Considero também que temos ainda uma fraqueza, uma debilidade na formação metodológica, ou seja, na metodologia considerada uma estratégia para poder trabalhar com objetos empíricos, com técnicas de pesquisa.

No México ainda estamos muito amarrados no seguinte debate: “Eu sou quantitativo, você é qualitativa, não temos nada que conversar”. Ou no debate que está na moda. Custou-nos trabalho voltar os olhos a situações concretas nas empresas, nas comunidades, nas famílias, em unidades sociais, em cidades, que nos permitam entender melhor o processo. Então penso que houve uma grande expansão, porém muito superficial. Falta-nos profundidade, falta-nos entrar em técnicas mais reflexivas e, sobretudo, em técnicas mais dialéticas. TIREI

7. Marcia Tondato: Frente à colocação de construção de pesquisas na área de ciências da comunicação, como o professor Jorge vê a questão da construção de informações/ conhecimento na internet? Completa-se com pergunta 8. Cláudio: Você confia na Educomunicação, ou campo comunicação/educação, enquanto junção de dois campos que agregam informação, conhecimento e comunicação?

Resposta: Resposta à primeira pergunta: Quando me convidam a dar uma palestra, quase sempre aparece cibercultura no título e eu sempre ponho o “a” final com uma arroba. Tive que discutir, às vezes vários dias, com editores e com colegas que dizem que é uma estupidez, que eu não deveria por a arroba. “Por que você põe a arroba?” Talvez a pergunta seja porque colocamos cibercultura. Colocamos cibercultura como uma tomada de posição dentro do campo acadêmico; afinal, não é que não nos interesse – interessa muito a nós – o que está acontecendo na Internet, mas a maior parte da atenção acadêmica que recebe a palavra cibercultura está em comunidades virtuais, em sexo virtual, em videogames, em entidades construídas trans, etc. Está certo.

É uma zona importantíssima de exploração porque essa forma de difusão e de operação desses suportes materiais que permitem simultaneidade, co-presença, jogos mentais, entidades construídas, tem muita e muito boa atenção. Está sendo estudado detalhadamente, em muitas partes do mundo. Mas há uma parte que fica um pouco para trás, que é a composição disto. Tal qual Wiener, tomamos o conceito de ciber do conceito de timoneiro, aquele que é capaz de dirigir uma nave em um lugar, cultura de desenvolvimento; podemos cultivar essa habilidade para desenvolvê-la. E o sinal de arroba colocamos porque é graficamente parecido com um helicóide, e o usamos para representar processos de desenvolvimento de inteligência coletiva, que é um pleonismo, pois a inteligência sempre é coletiva e sempre foi coletiva.

Então, este parece-nos um estudo de fronteira, sumamente importante para entender que tipos de modulações estas tecnologias de conexão de Internet, e outras, geram na cultura contemporânea. No entanto, como pensamos que estão sendo muito bem estudadas em algumas partes, demos um passo atrás.

Queremos entender que desenvolver cultura de informação, no México pelo menos, em nossos grupos de trabalho, passa pela idéia de que as pessoas sejam capazes de observar sua situação, descrever, classificar, categorizar e hierarquizar, em um arquivo de papel, sua experiência frente a um problema.

Isso, na maioria das comunidades do meu país, não acontece, as pessoas não passaram por aí. O sistema educativo mexicano foi desativado para fazer isso, as crianças já não fazem nem no fundamental, nem no secundário. Isto é, construir um pequeno sistema ou uma biblioteca ou um acervo é um sistema de informação e eles não nasceram com os computadores. Outros países têm essa habilidade. Alexander Von Humboldt desceu de um navio no México, não sei se passou pelo Brasil também, caminhou oito meses e classificou metade do país, ele sozinho. Então, muitas espécies mexicanas ficaram classificadas para sempre, para a eternidade, porque Humboldt esteve aí para classificá-las.

181 —

O México, no ano de 1847, era mais ou menos do mesmo tamanho que o Brasil, não, menos, como a metade do Brasil. No ano 1847 perdemos a metade do território nacional, a metade do México: Califórnia, Nevada, Novo México, Texas, perdidos, bem, perdidos não, foi um processo de negociação vantajosa. Esta perda de território, de zonas, desconsertou o país.

Estou falando das mentalidades do século XIX, ano 1847 e quero saber, não só no México, mas também ali, quem em estudos de Comunicação ou de Sociologia, talvez de História, sabe – como eu não sabia, estudo isso agora – que Orozco y Berra, um homem, um sobrenome, não é uma rua. Manuel Orozco y Berra, depois de perder o território, lançou-se a fazer um sistema de classificação do que ficou, estudos estes ignorados. Aqui temos pessoas que podem nos dizer quão ingrato

pode ser desenvolver um pequeno sistema de informação sobre estudos de Comunicação no México, e o difícil que é fazer isso. Hoje está on-line e pode-se ter acesso.

Assim entramos no universo das tecnologias visando entendê-las, adquirir know-how, saber fazer as coisas. Quando um grupo social se apropria da tecnologia para desenvolver seus próprios sistemas de informação, o salto aos computadores é, assim, um estalar de dedos. Há muitos exemplos empíricos que mostram que o governo mexicano decidiu tomar a pastilha da brecha digital e do subdesenvolvimento. Obedecendo ao Banco Mundial, comprou computadores com Bill Gates, somente com a Microsoft, para colocar em todo o país. Cada município do México tem um centro comunitário digital que os habitantes nunca visitam. É mais um elefante branco porque não tem nada a ver com suas experiências. Os visitantes são jovens que usam o chat e os videogames. Estamos usando, tenho repetido muitas vezes, a metáfora pode ser infeliz, uma Ferrari, um Lamborghini Diablo, como mesa para colocar copos, e se já estivermos muito avançados, o utilizamos como sala de estar, “com bancos de couro”.

182 —

Se não desenvolvemos uma cultura de comunicação para coordenar-nos, uma cultura de informação para estabelecer vínculos, relações entre experiências e códigos, entre experiências mais códigos e outros códigos, cultura de informação básica da minha realidade concreta – e neste ponto concordamos com o trabalho de Freire – nenhum significado a tecnologia terá.

Desenvolver as perguntas já não significa “dar a palavra ao povo”; é importante fornecer as ferramentas, facilitar um processo com elas, que permita que as pessoas possam apropriar-se dessas tecnologias para o que eles decidirem. Esse

é, para mim, o desenvolvimento de cibercultura. Estou trabalhando nisso, buscando o desenvolvimento direto entre a noção de frentes culturais, que é um conceito para estudar historicamente, situacionalmente, estruturalmente e simbolicamente como se construíram o que hoje vivemos como nosso, os “nós” que, normalmente, nos foram impostos. Por que em Colima, onde vivi muitos anos, as pessoas festejam a feira? É nossa feira e nela estão as práticas observáveis. Por que as pessoas vão a um mesmo santuário e escrevem “Obrigado Virgenzinha, por você ter me ajudado a matar o safado do policial que estava me seguindo”. Está desenhado e publicado para a Virgem de São Juan de los Lagos!

Alguma coisa acontece ali. E por que, como se modula, como se modela algo que é basicamente humano?

Eu perguntava: Quem não quer ser mais querido, mais “apapachado” – isso é náhuatl –, mais apreciado, mais gratificado? Quem quer sofrer? “Eu quero que morram”. Não. “Eu quero me apaixonar para me desapaixonar? Não.

Então, há uma parte que é basicamente humana, que opera e sobre a maneira histórica e contextual em que esses elementos culturais trans-classistas se modelam historicamente, nos fazem ser o que somos. Esse processo é o que estuda as frentes culturais. Agora estamos um passo mais adiante, estamos tratando de ver se podemos ajudar na conformação de melhores ou diferentes novas frentes culturais.

Se o desenvolvimento da cibercultura é eficaz, estamos trabalhando, produzimos, geramos com as pessoas, eles geram suas próprias comunidades emergentes. Uso o termo emergente como definição de sistemas complexos, quando

a interação de muitos elementos ou, melhor, muita interação entre muitos elementos, muita conectividade, geram uma propriedade, uma característica do comportamento desse grupo. Esse comportamento é impensável em cada um dos elementos, como quando um grupo de formigas resolve o problema de um fogo perto do formigueiro ou resolve o problema de como cruzar um rio. Há uma auto-organização.

Há uma espécie de macacos dispersa desde o deserto do Saara até a África do Sul que se comunicam, na sua linguagem, coordenam ações não com palavras, não são palavras articuladas, mas com gritos, com sons. Por exemplo, há um grito para dizer: “Leopardo atrás”, e todos correm para outro lado e escapam.

Podemos estudar essa forma de coordenação de ações que se dá em outras espécies, afinal, continuamos sendo bastante animais, uns mais que outros. Penso que uma das carências nos estudos da comunicação é que há muito deixamos de estudar etologia, a comunicação nas espécies animais; há muito que aprender da coordenação de ações de espécies.

Esta capacidade de resolver o ataque de um predador não pode ser feita por um macaco sozinho, só se faz coletivamente. A vida social, a sociedade é uma estratégia de sobrevivência. Importante não se esquecer disso.